

O VELHO DO RESTELO E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE CAMÕES.

SALVATORE D'ONOFRIO

Da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

O episódio do Velho do Restelo reveste-se de uma importância extraordinária para um estudo interpretativo d'*Os Lusíadas*, pois põe em dúvida a conveniência e a utilidade da expedição portuguesa em busca do caminho marítimo para a Índia, que deu a Portugal tanta glória e riqueza e a Camões motivo para revelar-se como o mais lídimo poeta épico da Europa renascentista.

Estamos ao fim do Canto quarto do imortal Poema. Camões já descrevera a viagem de Vasco da Gama de Moçambique até Melinde, cujo rei, acolhendo a frota portuguesa com manifestações de contentamento, pede ao nosso Capitão que lhe fale da história de Portugal. E Camões, pela bôca do Gama, narra, enaltecendo-os, os grandes feitos portugueses, desde as origens lendárias do fundador Luso, até ao sonho profético de D. Manuel I, que confia ao Gama a missão do descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

Tudo está preparado para a realização deste grande sonho: os expedicionários, depois de um rito de propiciação na Igreja de Belém, aproximam-se dos navios prestes a zarpar, entre as lágrimas e os gritos de desespero dos parentes e amigos que temem uma viagem sem retorno, quando “um Velho, de aspecto venerando” toma a palavra para demonstrar que a aventura na qual estão se lançando é prejudicial ao país.

A uma análise lógica e estilística a composição deste episódio revela-se de uma clareza, precisão e beleza, somente ao alcance de um grande gênio renascentista. Para entendermos melhor a seqüência das idéias, convém distinguir os vários “momentos”.

A estância inicial (94) descreve a figura e o caráter do Velho. Ele é apresentado como um homem “de aspecto venerando”, “de exper-to peito” e “com saber só de experiência feito”, para dar-nos a idéia de que a sabedoria do Velho lhe provém da idade e não de um estudo adquirido. É evidente aqui a contradição entre a afirmação da sabe-

doria empírica do Velho e os conhecimentos históricos e mitológicos que o mesmo demonstra nas estrofes seguintes. É inverossímil que um velho inulto profira um discurso cheio de erudição e discuta sobre a “idade de ouro” e a “idade de ferro”. Parece que o Poeta, em lugar de pensar na verossimilhança, foi tomado mais pelo desejo de dramatizar e transcendentalizar a ação. A êste respeito deve-se notar que é um conceito clássico o de conjugar a velhice com a idéia de sabedoria. Em todos os autores antigos (e, antes dos clássicos, nos autores bíblicos) quem faz dissertações de ordem filosófica ou moral é quase sempre um velho, que fala em nome da experiência da vida (1).

O segundo momento compreende as estâncias 95 e 96, onde Camões põe na bôca do Velho considerações gerais acêrca da essência da “glória” humana e seus efeitos. O Poeta condena os conceitos de “glória”, de “fama” e de “honra”, que na realidade não são senão eufemismos para designar a “glória de mandar”, “a vã cobiça” e a “ vaidadê”, causas de inúmeros males físicos e morais.

A seguir, na estância 97, o Velho se pergunta a que desastrosas conseqüências levará o Reino e o povo português esta cobiçosa ilusão de riquezas e de glória. E, na estrofe seguinte, vindo no pecado original a origem de tôdas as paixões desenfreadas dos homens, apostrofa a geração de Adão, cujo pecado de desobediência fêz perder à humanidade, além dos dons supernaturais (a graça beatífica), também os preternaturais (as imunidades da morte, da dor, da doença e do mal), decaindo assim da “idade de ouro”, isto é, do estado de quieta e simples inocência, para a “idade de ferro”, estado de lutas e de guerras. Observa muito bem Roger Bismut em seus comentários à obra de Camões que

“le poète amalgame ici la croyance chrétienne dans le peché originel, et la croyance, toute païenne, dans les âges du monde” (2),

descritas na quarta bucólica de Vergílio. A fusão entre o maravilhoso e as crenças pagãs com o miraculoso e as crenças cristãs é uma característica da poesia épica renascentista, de que Camões faz grande uso.

Mas Camões, bem informado também nas coisas da teologia, compreendendo que o pecado original enfraqueceu irremediavelmente a natureza humana, ao ponto que é impossível extinguir dos corações a sêde de glória e de conquistas, faz concessões ao povo português e lhe sugere o mal menor, isto é, a luta contra o Ismaelita que deixa “criar às portas”.

(1). — Cf. o velho Nestor na *Ilíada* (1, 247 e ss.) e na *Odisséia* (111, 244 e segs.).

(2). — *Les Lusitades*. Lisboa, C. Gulbenkian, 1961, pág. 286.

Examinemos, pois, as argumentações das estâncias 99, 100 e 101: se o desejo dos portugueses é satisfazer a sede de glória, enriquecer, conquistar novos povos e propagar a religião cristã, tudo isso poderiam fazer ficando na pátria e lutando contra os mouros, uma vitória sobre os quais poderá satisfazer tôdas essas aspirações, sendo êles infiéis, valorosos e ricos. Porém não sucede assim; os portugueses preferem ir longe, ao encontro de “um incerto e incógnito perigo”, deixando a própria pátria sem defesa e despovoando o Reino que já têm, para buscarem um outro hipotético.

Daí a maldição contra o inventor da navegação marítima (est. 102), que constitui a idéia nuclear do discurso do Velho do Restelo.

As duas estâncias finais do Canto IV são ainda uma invectiva contra a ambição desvairada, cuja origem é vista no fogo de Prometeu, símbolo de tôdas as paixões humanas. Os últimos versos exprimem o pessimismo do Poeta diante da obra realizada pelo homem, junto a um sentimento de profunda tristeza pela “mísera sorte” e “estranha condição” do Gênero humano, que parece não ter esperança de salvação em face dêste mal irremediavelmente destruidor que é a ambição. Prouvera a Deus que Prometeu não tivesse animado os homens com o fogo dos altos desejos!

Em síntese, colhendo as idéias principais do episódio do Velho do Restelo, podemos apontar os seguintes momentos:

- 1). — censura geral da ambição humana (est. 95-97);
- 2). — visão profética dos males que Portugal poderia sofrer por causa da ambição (98-101);
- 3). — evocação do passado para censurar a ambição humana (102-104).

Como explicar esta condenação da ambição humana — ambição que para os portugueses se concretiza nas viagens marítimas —, se todo o valor da epopéia lusitana, cantada tão brilhantemente por Camões, repousa na exaltação da expedição do Gama em busca do caminho marítimo para a Índia? Como entender esta contradição que poderia invalidar todo o valor épico d'*Os Lusíadas*?

De certo, o episódio do Velho do Restelo constitui um fato de não fácil interpretação dentro da epopéia camoniana. E parece-nos que a sua contradição não foi ainda explorada convenientemente. Nenhum comentarista, tanto quanto é do nosso conhecimento, não ressaltou ainda a originalidade dêste episódio em face do objetivo principal d'*Os Lusíadas* e dos precedentes poemas épicos. Muitos glossadores, começando por Faria e Sousa, têm posto em relêvo as fontes clássicas às quais Camões se inspirou na idealização e redação dêste episódio, mas nenhum dêles resalta o plano diferente em que se ma-

nifestam as lamentações nos poetas clássicos e a posição original de Camões.

A simbolização da mãe ou da espôsa preocupada com a vida de seus caros tem o seu precedente em Homero (Andrômaca que está angustiada pela sorte de seu marido Heitor, *Iliada*, c. VI) e, ainda mais em Virgílio: Dido desesperada à partida de Enéias (c. IV); as irmãs da cidade de Latino que choram a morte de Turno (c. XI); a mãe de Eurialo, que chora a morte de seu filho, o amigo de Niso, inseparável até na morte. A condenação da ambição humana também é bem documentada: no acréscimo que o humanista italiano Maffeo faz à *Enêida* de Virgílio (XIII, vv. 143 ss.), onde o velho rei Latino, chorando a morte de Turno, lança invectivas contra a sêde do poderio e das riquezas, causa de inúmeras desgraças; e em quase todos os coros das tragédias gregas e romanas. Contra as viagens marítimas temos a imitação quase *ad litteram* de um trecho do livro 1 das *Odes*, onde Horácio, na Ode III, dedicada à Nau que conduzira Vergílio a Atenas, condena os grandes ousados da mitologia.

Mas não é nossa intenção citar todos os trechos dos autores clássicos que puderam influenciar Camões na inspiração e redação do episódio do Velho do Restelo, porque, depois dos comentários de Faria e Sousa a *Os Lusíadas* e da dissertação do Prof. Rebêlo Gonçalves acêrca do Velho do Restelo, que, com pena de mestre, ressaltou os elementos clássicos dêste episódio, insistir nisso seria "chover no molhado". Remetemos, portanto, quem estiver interessado no assunto, às obras dos referidos autores (3).

Nosso intento é pôr em evidência que, apesar de tôdas as possíveis inspirações clássicas, existe algo neste episódio que foge a qualquer influência clássica e que é típico de Camões, poeta épico do século XVI. É o "espírito crítico", que, juntamente ao sentimento humano do Poeta, a certa altura se revela e se afirma, em contraste com tôdas as exigências da épica clássica, para criar um momento de crise acêrca dos valores da epopéia portuguesa.

Achamos que o episódio do Velho do Restelo, quanto ao seu significado, não tem nenhum precedente histórico no campo da poesia épica. Examinando os poemas de Homero e de Vergílio, podemos observar que nenhum episódio tem um valor crítico tão fundamental como o do Velho do Restelo. Em nenhum lugar da *Iliada*, cujo objetivo é a exaltação do valor bélico dos gregos, achamos invectivas ou lamentações diretamente dirigidas aos horrores da guerra; na *Odis-*

(3). — Ver os comentários relativos a êste episódio na edição comentada *d'Os Lusíadas* de Faria e Sousa, como também o erudito trabalho de Rebêlo Gonçalves *A FALA do Velho do Restelo*, em "Dissertações Camonianas". São Paulo, Editora Nacional, 1937.

séia, que exalta a coragem e a fôrça moral de Ulisses na sua viagem de retôrno a Ítaca, nada encontramos que invalide êste objetivo; pelo contrário, o herói, voltando enfim a sua terra, acha uma espôsa fiel e um filho dedicado, merecidas recompensas de tamanho sacrifício. No poema de Vergílio, que visa a glorificação de Enéias e do Império Romano, também não encontramos algo que possa minimizar êste grande sonho ou possa sugerir a inutilidade de tão grandioso obra.

Porém, no poema de Camões isso acontece: *Os Lusíadas* representam a exaltação do povo lusitano nas suas viagens marítimas e conquistas militares no Oriente e episódio do Velho do Restelo está aí, ao comêço desta grande façanha, para esconjurar esta expedição, considerada nociva e perniciosa para o próprio Portugal! O Velho condena as viagens marítimas, as glórias bélicas, a ambição humana e o espírito de teimosia, que são os alicerses sôbre que se fundamenta tôda a epopéia portuguesa!

É preciso ainda notar que quem condena a expedição portuguesa não é uma personagem determinada, magoada pela perda, no mar ou na guerra, de uma pessoa querida, mas um velho anônimo, que não faz nenhuma referência a fatos particulares, falando só em nome da experiência da vida e representando todo o povo português ou, mais ainda (como acham alguns comentaristas), o próprio Reino de Portugal. É, êste, outro ponto que diferencia Camões dos autores clássicos, pois êstes põem as lamentações contra as viagens marítimas, as guerras ou a ambição em bôca de pessoas, cuja indignação é motivada pela perda de familiares, ou em obras de cunho didático ou de finalidade moralística, quais as *Metamorfoses* e os *Fastos* de Ovídio, o *De Rerum Natura* de Lucrécio, as *Odes* e *Sátiras* de Horácio, as *Geórgicas* de Vergílio”, a *Divina Commedia* de Dante, os *Coros* das tragédias, etc.; mas nunca num poema épico, cuja finalidade é a exaltação das fôrças e do valor do homem.

Como explicar, então, tal posição estranha de Camões? Procuremos expor o que foi dito acêrca dêste episódio, para depois tentarmos a formulação do nosso ponto de vista.

Quase todos os autores de comentários a respeito são concordes em afirmar que a figura do Velho do Restelo não é um produto da fantasia poética de Camões, mas se fundamenta na realidade histórica do seu tempo. Como afirma o Prof. Rebêlo, o Velho do Restelo é um

“retrato poético de fatos reais” (4).

Vários fatores determinaram o surgir da idéia do Velho do Restelo no espírito de Camões:

(4). — *Op. cit.*, p. 101.

1). — *A historiografia sôbre as descobertas.*

Camões seguiu, como fonte histórica para *Os Lusíadas*, as narrações de João de Barros e de Castanheda, em cujas obras sôbre as descobertas e viagens marítimas à Índia encontramos relatados os votos contrários do partido conservador aos descobrimentos e o descontentamento de uma parte do povo português (5). A êste respeito deve ser notado também o fato de que João de Barros foi o mais típico representante da historiografia quinhentista, que pode ser considerada pouco mais que uma emprêsa de propaganda a serviço da política oficial e cuja concepção da história sacrifica, sempre que tal se mostre conveniente, a verdade histórica à idealização das condições em que se realizou a expansão portuguesa na Ásia. Se êle mesmo, pois, não pôde silenciar sôbre a corrente oposicionista às descobertas marítimas, isso significa que realmente ela existia e era poderosa.

2). — *A tradição poética precedente a Camões.*

Aqui precisamos considerar dois tipos de influências: a da literatura clássica e a renascentista. Na Renascença portuguesa, paralelamente ao entusiasmo e ao sentimento eufórico pela conquista do além-mar, havia também, como muitos autores têm dito, uma corrente conservadora e tradicionalista que se opunha aos descobrimentos. E a Literatura registrou também êste lado negativo, ressaltando as conseqüências desastrosas das conquistas ultramarinas. Portanto, ao lado dos inúmeros poemas que visam a celebração das glórias portuguesas, existe outrossim uma literatura que manifesta o descontentamento anti-heróico. O desengano dos descobrimentos marítimos e a tentação de renúncia são descritos em algumas poesias do *Cancioneiro Geral*, em algumas farsas de Gil Vicente e na obra poética de Antônio Ferreira (6).

Para darmos uma idéia dêste tipo de literatura anti-heróica, é suficiente citarmos um trecho do *Auto da Índia* de Gil Vicente, quem melhor apresenta a vida de seu tempo, pois colheu a matéria-prima de sua obra entre os populares, dando-nos uma imensa galeria de tipos de tôdas as classes sociais. Reportamos a *Introdução* a esta farsa:

(5). — Cf. J. de Barros, *Asia*, déc. 1, liv. 1, cap. IV e Castanheda, *Descobrimento da Índia*, liv. 1, cap. 2.

(6). — Vide o artigo de Coelho (Jacinto do Prado), *Antônio Ferreira e o Velho do Restelo*, in "Colóquio", Lisboa, IX: 53-54, junho 1960; onde o Autor examina a posição dos dois autores renascentistas em face da contradição entre o ideal épico e o pessimismo anti-heróico.

“à farsa seguinte chamão Auto da India. Foi fundada sôbre que hua molher, estando já embarcado para a India seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado, e que já não ia; e ella de pesar chorando. Foi feita em Almada, representada á muito catholica Rainha d. Lianor, era de 1509”.

A razão dêste “pensar” pelo não embarque do marido é evidente: logo que o marido se afasta de casa para a grande viagem, ela se consola de sua ausência com dois velhos conhecidos — um castelhano e um Lemos —, que há tempo lhe estavam no encalço, e com os quais se aproveita da ocasião para trair o coitado do marido. O castelhano:

“Mas como evangelio es esto
que la India hizo Dios,
solo porque yo com vos
pudiese pasar aquesto.
Y solo por dicha mia,
por gozar esta alegria,
la hizo Dios descobrir;
y no ha mas que decir,
por la sagrada Maria” (vv. 145-153).

O tom galhofeiro, irônico e sacrílego explica-se pela natureza da obra, que é uma farsa. Mas quem diz que rindo e satirizando não se podem expressar profundas verdades? Este “castelhano” baixo e leviano, que toma o descobrimento e a conquista da Índia como fatos realizados em vista de seu exclusivo interêsse, considerando-os como um desígnio de Deus para que êle possa ficar a sós com a espôsa do outro, encarna e exprime em que consideração era tido o valor do “peito illustre lusitano” por uma parte do povo português.

A inutilidade das conquistas bélicas já se encontra em Petrarca, um dos patriarcas do Renascimento europeu. No *Triumphus Mortis* o poeta italiano, depois de ter falado da fugacidade das glórias militares e da queda dos impérios troiano, grego e romano, assim se exprime:

“Che vale a soggiogar gli altrui paesi
e tributarie far le genti strane
co gli animi al suo danno sempre accesi?
Dopo l'impresie perigliose e vane
e col sangue acquistar terre e tesoro,
vie più dolce si trova l'acqua e 'l pane
e 'l legno e 'l vetro che le gemme e l'oro” (1, 94-100).

Também no poema de Ludovico Ariosto *L'Orlando Furioso*, cujo hábito dos epifonemas ou considerações morais no fim dos cantos foi

imitado por Camões, temos acenos a sentimentos antibélicos ou à preferência de guerrear contra os mouros, na época, principal perigo para a Europa. Camões sentiu muito a influência do primeiro verso da oitava 76 do XVII Canto:

“Non hai tu, Spagna, l’Africa vicina,
che t’ha via più di questa Italia offesa?”

“Não tens junto contigo o Ismaelita,
com quem sempre terás guerras sobejas?” (*Lus.* 1V, 100).

Em face do fato histórico da ala contrária ao descobrimento e da precedente literatura anti-heróica, Camões, que se propõe como finalidade a narração da verdade, não podia silenciar êste descontentamento.

“Il avait — escreve Le Gentil — toujours existé au Portugal, même au temps de l’Infant D. Henri, une courant hostile à la politique d’expansion. Les conseillers prudents, que se croyaient sages, objectaient que l’agriculture manquait de bras, que l’entreprise dépassait les forces d’une petite nation qui ne comptait guère, à cette date, plus d’un million d’âmes. Cette opposition, le poète ne pouvait se dispenser d’en faire état, puisqu’on la retrouve chez les chroniqueurs” (7).

Daí a idéia do Velho do Restelo para dar vulto a esta corrente de oposição.

Mas, sendo épico seu poema, Camões devia dar um tratamento solene e majestoso a êste fato. Por isso o Poeta lança mão das influências e recursos clássicos e consegue dar um tom austero ao episódio. As imagens e figuras mitológicas são tiradas do acêrvo da melhor literatura clássica (Horácio, Vergílio e Ovídio) e a figura do Velho, que fãla em nome de uma grande parte do povo e diz a verdade sem ser acreditado, representa, por si só, um côro de tragédia antiga (8).

Além dêstes dois fatôres principais (historiografia e tradição poética precedente), outras causas influenciaram Camões na concepção da figura do Velho do Restelo:

3). — *Uma razão sentimental.*

Camões sentia-se magoado com o abandôno das praças da África. Como bem afirma o Autor citado:

(7). — Gentil (G. Le), *Camoens*. Paris, Hartier-Boivin, 1950, pág. 47.

(8). — Vide o capítulo “Identidade da fala com os coros trágicos” na obra citada do Prof. Rebêlo Gonçalves.

“Ce que lui appartient en propre, c'est l'émotion renouvelé de son propre départ, une secrète préférence pour la croisade en Afrique et le souvenir amer de ses déceptions de l'Inde” (9).

4). — *Os males da Índia.*

A dominação portugêsa na Índia sofreu grave descrédito por causa de uma administração incapaz e corrupta. Camões sentiu fortemente a inconveniência de tal coisa e, em vários lugares da sua obra, condena os vícios dos colonizadores lusitanos, especialmente o da cobiça. Escreve F. Gomes de Amorim:

“Já no tempo de Faria e Sousa era tão vulgar o juízo que se fazia na Europa do resultado dos nossos descobrimentos no Oriente, que aquelle escriptor dizia, no comentário ao verso 3, d'esta estancia, que, em Portugal, só os aventureiros e ladrões colhiam os fructos da Índia” (10).

5). — *A preferêncía da luta contra os mouros.*

As incursões muçulmanas ameaçavam ainda a integridade territorial da Península, constituindo um perigo para a conservação da civilização européia. Camões, verdadeiro espírito renascentista, preocupava-se não somente com a unidade de seu País, mas também com a preservação e consolidação política e espiritual da Europa tôda, unida pelos mesmos laços de civilização, religião e cultura:

“Camões, dentro de su fervoroso afán de exaltar a su patria, tenía unos ideales supernacionales, síntesis perfecta de los ideales europeos del Renacimiento. Fué un apasionado defensor de una superior concepción de Europa como entidad que resumía los intereses comunes de los pueblos cristianos. En su poema hay un verdadero discurso europeísta en el que se señalan a los pueblos da Europa las exigencias de una comunidad de ideas y destino ... Quanto rompa esa unidad o atente contra ella será execrado por el poeta, que censurará a cada país europeo causante de división, para luego exponer el programa que todos juntos podrían realizar: la liberación de Tierra Santa, la dominación de los pueblos infideles” (11).

6). — *Uma aspiração de retôrno à vida simples dos campos.*

O Prof. Hernani Cidade, referindo-se ao episódio do Velho do Restelo, afirma que êste

(9). — Le Gentil, *idem, ibidem.*

(10). — *Os Lusíadas.* Lisboa, ed. Imp. Nacional, 1889, pág. 467.

(11). — GIL (Ildefonso Manuel), *Los Lusíadas.* Madrid, ed. Universidad de Puerto Rico, 1955, págs. 7-8.

“traduz a humaníssima saudade da vida simples, sem ambições desvairantes nem ansiosas inquietudes, a saudade mais de uma vez expressa nas páginas da História Trágico-Marítima” (12).

Todos êstes fatores concorreram para que surgisse e tomasse vulto na mente de Camões a idealização da figura do Velho do Restelo, como símbolo quer do Reino de Portugal (como acha Faria e Sousa), quer da parte conservadora e tradicionalista do povo português. O que, porém, achamos desprovido de fundamento e altamente superficial é interpretar o episódio do Velho do Restelo como um simples “recurso de arte”, posto aí só como elemento de contraste ao poema todo, como quis insinuar o Prof. Afrânio Peixoto:

“bastava um rudimento de lógica, a contradição, tão humana e tão necessária, para inspirar a Camões, ao lado da empresa do Gama que êle sublima, a sombra que lhe é a objurgatória do Velho do Restelo, como para uma perspectiva magnífica: seria então recurso de arte, tão indispensável que o Poeta, se não lhe toma o partido, o faz ouvir com elevação e magestade que nunca se esquecem, uma vez lidas e sentidas aquellas estâncias, embora lido e admirado todo o seu contraste, o poema inteiro” (13).

Somos de parecer, porém, que o “Velho do Restelo”, além de não ser um simples “recurso de arte”, tem um valor muito mais do que episódico, pois, para nós, a figura dêste Velho representa a *consciência crítica* de Camões em face de sua obra.

Para demonstrar êste nosso ponto de vista, examinemos as relações político-sociais entre Portugal e a Índia, anos após a conquista.

“É tempo de cessar nesta evocação de lugares communs da rethorica dum povo embriagado de heroismo e sangueira. São coisas mortas, tão mortas como o orgulho cruel dos pharaós que mandaram levantar as pyramides. Coisas que deveriam ser sepultadas e esquecidas, como toda a illusão humana, se dellas não houvesse nascido uma obra de arte imortal. O genio quintessencia a vida, extrahede de sementes venenosas fructos opimos. Também, quando o genio de Camões extrahiu da embriaguez heroica da sua gente a epopêa, só o veneno dos fumos indianos ficou à vista, a lavar e a espalhar-se nos ares”.

Tais palavras o exímio Prof. Fidelino de Figueiredo escreve no capítulo III d’*A Épica Portuguesa do século XVII*, intitulado “O Reverso da Medalha”, onde o ilustre escritor procura equacionar, com espírito crítico, as tão decantadas glórias militares, políticas e civili-

(12). — *Os Lusitadas* em “Obras Completas” de Camões. Lisboa, Sá da Costa, 1947, volume IV, pág. XLII.

(13). — *Ensaio Camonianos*, pág. 201.

zacionais da Renascença portuguesa. Com efeito, a uma análise histórica imparcial, ocorre logo que a dominação lusitana na Índia não foi nem extensa em territórios, nem profunda culturalmente e nem duradoura. Foi algo de muito superficial no tempo e no espaço. O afamado Império da Índia não passou da ocupação de algumas cidades marítimas, que constituíram um “colar de Feitorias”, tendo como centro Goa.

O valor militar dos portugueses foi grande, mas, se usarmos como medida o valor do adversário, devemos concluir que também a bravura guerreira dos portugueses foi relativa, porque êstes lutaram contra um povo de espírito pacífico e contemplativo, cuja religião, filosofia e civilização era decisamente antibélica. Portanto, se um punhado de aventureiros audazes pôde obter grandes vitórias sobre um inimigo muito mais numeroso, isso foi graças ao fato de que achassem as povoações inimigas indus completamente desprovidas de preparo bélico, de uma técnica militar muito inferior e primitiva; tanto é que, quando mais tarde chegaram à Índia outros povos europeus — holandeses e ingleses —, possuidores da mesma arte guerreira, os portugueses foram vencidos e perderam quase tôdas as conquistas lá realizadas.

Se olharmos do ponto de vista civilizacional, não podemos dizer que os portugueses brilharam, pois, filhos de uma civilização agrária e primitiva, encontraram-se, na Índia, em contáto com uma civilização milenária, muito mais opulenta, requintada e nobre, seja do ponto de vista cultural, filosófico, religioso e moral, como do ponto de vista econômico e social. Os lusitanos, em lugar de procurar entender e assimilar o que tinha de melhor aquela civilização superior, impuseram seu fanatismo católico e os horrores da Inquisição. Sob o aspecto comercial, em troca das imensas riquezas indianas que trouxeram, os portugueses nada levaram, a não ser “painéis da história de Portugal”. Do ponto de vista moral, nem se fale: perpetravam-se as maiores injustiças, arbitrariedades e corrupções, seja na vida pública, como na privada, em nome da religião e sob a égide da ditadura inquisicional (14).

A única coisa realmente louvável, que os portugueses tentaram fazer na Índia, foi a substituição dos vários dialetos indus através da implantação de uma língua única, a portuguesa, que porém não conseguiu afirmar-se, em face da subsequente ocupação britânica que unificou lingüísticamente tôda a Índia.

(14). — Para um estudo mais detalhado das relações entre Portugal e suas colônias, aconselhamos a leitura do capítulo de Antônio José Saraiva — “A ideologia senhorial e oficial e a expansão” em *História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Jornal do Foro, 1962, volume III, c. 2º.

Do grande “Império d’ultramar” o que ficou foi a sobreexcitação heróica e a consciência épica, que, enquanto se tornava um mito para os portugueses, foi objeto de ridículo para os povos europeus, especialmente para os vizinhos e rivais espanhóis (15).

Ainda hoje se continua falando das glórias portuguesas na Índia, sem espírito crítico e sem sentido de proporções; isso porque, como afirma o Prof. Fidelino, não apareceu até agora

“um historiador épico sem espírito épico”.

Uma tentativa nêsse sentido foi feita pelo Visconde de Meirelles, mas a sua obra ficou incompleta e inédita. Dêle o que nos resta é uma troca de cartas com o Prof. Fidelino, seu íntimo amigo. Transcrevemos uns trechos da Carta III de 3 de outubro de 1914:

“Todo o meu esforço nestes pequenos trabalhos (16) é restituir às coisas da Índia a sua natural proporção, a sua verdadeira perspectiva. Ignorância, vaidade nacional, espírito de rotina, carneirice-panúrgica, patriotismo ingénuo, e sobretudo a falta de espírito de proporção tem creado uma lenda e é essa lenda que se toma por História. E, todavia, não é preciso ir a autores exóticos ou estrangeiros para “com olhos de ver” examinarmos as coisas como ellas eram, basta ler Barros, Couto, Gaspar Corrêa, etc. — mas a fraca natureza humana ha quatro séculos que teima em não ver... senão o que lhe faz conta... Agora mesmo se anda a dizer por ahí: “os ingleses que herdaram de nos (!!!) o seu imperio da Índia”. Para dizer isto é preciso absolutamente não saber o que é a Índia, e para o saber basta olhar para um mappa. Mas ninguém olha. Após os primeiros chronistas, sem espírito de proporção, mas verídicos, vieram os rethoricos, os lisongeiros dos reis, depois vieram os Pinheiro-Chagas, lisongeiros do povo, os Thomaz-Ribeiro, etc. Depois os que tudo sacrificaram ao pittoresco, e com uma página de perfumes, outras de especiarias, outras de trajos sarapintados, outra de architectura (sic) exóticas arranjam um oriente de phantasia muito proprio para artificios de estylo” (17).

Entre os cronistas do século XVI, o que mais objetivamente descreve a realidade histórica da ocupação portugêsa na Índia é Diogo de Couto. Isso porque, por não ser êle de casta fidalga, a sua obra se eleva acima da literatura artística e cortesã do seu tempo.

(15). — Vide Figueiredo (Fidelino de), *op. cit.*, pág. 388, onde é focalizado o tipo do portugês fanfarrão no teatro espanhol.

(16). — Meirelles refere-se a vários artigos críticos sôbre a conquista da Índia: *Terra do Hidalcão, Tomada de Diu, e O Jardim da Índia*, que devia publicar na “Revista de História” de Lisboa, mas que, infelizmente, são ainda inéditos.

(17). — Meirelles (Visconde de), *O espírito de proporção e a historiografia*, in “Revista de História”, Lisboa, IV, abril-junho 1915, pág. 161.

Teve a coragem de escrever verídica e cruelmente, contrastando com tôda a euforia épica dos seus contemporâneos, a decadência em que já se achava o nascente domínio português no Oriente. Para se ter uma idéia do mau govêrno dos portugueses nas regiões indianas recém-conquistadas, é suficiente ler a primeira parte da sua obra *O Soldado Prático* (18).

Sem dúvida alguma, Camões devia estar ao par desta decadência político-social e da péssima administração do vice-reino português na Índia. Ele foi grande amigo de Diogo de Couto, seu contemporâneo nos estudos em Portugal, com o qual se encontrou em Moçambique em 1569 e passaram juntos muito tempo na Índia: Camões aperfeiçoando o seu poema, e Couto fazendo ao mesmo comentários históricos, que chegaram até o Canto IV.

Evidentemente, o nosso Poeta tomou conhecimento da obra crítica do Couto, pois muitas vêzes deviam ter comentado juntos sôbre o mau govêrno português na Índia. Ainda mais, Camões não precisava das observações do seu amigo, porque, durante as suas viagens e estadias em Goa e nas outras feitorias, teve oportunidade de ver *in loco* e *vis-à-vis* como andavam as coisas por ali.

Achamos muito útil essa consideração histórica para a compreensão do significado do episódio do Velho do Restelo. Camões, vate da ação heróica dos portugueses, enquanto está cantando as glórias do descobrimento e da conquista, a certa altura para a sua narração, tomado por um forte pessimismo anti-heróico. Parece sofrer, neste ponto, de uma crise de consciência, de um sentimento de vácuo e de inutilidade dos bens e glórias dêste mundo. É o Camões-homem que se insurge contra o Camões-épico e se pergunta o porquê de tantas lutas e tantas ousadias.

Jacinto do Prado Coelho faz um tímido aceno ao temperamento português que

“Ievaria — diz êle — aos extremos o movimento pendular, inerente à natureza humana, entre ação e contemplação, um temperamento oscilante entre a euforia da aventura e o profundo abatimento, gerado no tédio dos homens e na insatisfação das coisas relativas” (19).

Não sabemos até que ponto é válida esta observação psicológica. Certo é, porém, que em face do fracasso do Império português na Índia e da previsão do desmoronamento do mesmo Reino de Portugal (coisa que ocorrerá em 1580, ano da morte de Camões), deixado indefeso

(18). — Lisboa, ed. Sá da Costa, 1937.

(19). — *1Op. cit.*, pág. 54.

“Deixas criar às portas o inimigo!
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando ao longe”! Est. 101),

o Poeta põe em dúvida a utilidade do valor épico dos “varões assinalados”. A estrofe 97, com os seus oito pontos de interrogação, é muito significativa a respeito:

“A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinás,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?”

São passados uns setenta anos da expedição do Gama e da conquista da Índia e Camões se pergunta onde estão “as minas de ouro”, “os triunfos”, “as vitórias” e tôdas as riquezas materiais e espirituais sonhadas ao zarpar de Belém. Do ponto de vista econômico quem tirou mais proveito foram os ladrões e os aventureiros; e do lado espiritual não houve nenhuma interação entre as duas civilizações, completamente diferentes.

Como explicar, então, essa contradição evidente no espírito de Camões, que exalta o valor épico dos portugueses, embora não acredite nos resultados do descobrimento e da conquista? Para entendermos essa antinomia são necessárias algumas considerações.

É verdade que, para que possa surgir uma epopéia, deve existir um fato épico extraordinário, que tenha um valor humano, nacional e universal. Mas êste fato deve ser idealizado, pois a idealização dos fatos e das personagens é um postulado indispensável da arte clássica. Ao poeta épico o que interessa é a grandiosidade “virtual” do fato realizado e não as conseqüências ou os proveitos que dêle possam derivar. Torquato Tasso canta a Grande Cruzada, a história dos óbices ou Nós que os cavalheiros cristãos enfrentaram para chegar à libertação de Jerusalém: o fato em si é grandioso e digno de ser o assunto de um poema épico. Que depois, na realidade, a libertação do Sepulcro de Cristo resultou num grande *bluff* pela sua efemereidade e pelos motivos baixos que animaram os heróis cristãos, isso não interessa ao poeta italiano.

A mesma coisa ocorre com o Poema de Camões. A descoberta do caminho marítimo para a Índia foi um fato de uma incalculável importância, pois a conquista do espaço, além de ser a afirmação mais autêntica do espírito renascentista português, revolucionou o comér-

cio mundial, cujo centro se deslocou do Mediterrâneo para o Atlântico.

Tal façanha merecia um poeta épico que a celebrasse e consagrasse em versos imortais. E Camões foi o Poeta que soube maravilhosamente cantar esta lídima glória do povo português. Agora, que os portugueses não tiveram capacidades políticas, administrativas e comerciais para tirar proveito deste descobrimento, isso em nada atinge a grandiosidade épica da matéria. Queremos dizer que ao poeta épico o que interessa é o fato extraordinário “em si” e não nas suas possíveis conseqüências.

Portanto, não vemos nenhuma contradição no fato de que Camões, enquanto está cantando o valor épico dos portugueses, sente a necessidade de fugir um pouco da idealização dos fatos, para escutar a voz crítica da sua consciência de homem e de patriota e lançar um epifonema aos seus concidadãos, advertindo-os dos perigos de uma ambição desenfreada.

O episódio do Velho do Restelo seria uma contradição inexplicável numa epopéia clássica, como, por exemplo, na *Iliada*, *Odisséia* ou *Eneida*, mas não num poema épico renascentista, como *Os Lusíadas*, onde o espírito crítico é muito desenvolvido e o Poeta, embora idealize os fatos, sabe também julgá-los à luz da História.

Além do mais, n’*Os Lusíadas*, este não é o primeiro nem o último epifonema. Em todo fim de Canto, e ainda em vários outros lugares onde acha conveniente, Camões costuma fazer considerações de ordem política, social e moral. Um estudo destas interferências moralizantes no Poema todo poderia pôr mais em luz a “consciência crítica” de Camões, à qual acenamos. Mas seria este um trabalho de mais amplo fôlego.

Concluindo esse superficial e apressado estudo sobre um episódio tão discutido, podemos resumir a nossa impressão: a figura do Velho do Restelo, além e muito mais do que a opinião da corrente popular tradicionalista e conservadora, expressa a voz crítica do mesmo Camões, que, olhando os acontecimentos indianos com uma perspectiva de 70 anos, julga o domínio português da Índia, além de improdutivo, como causa de enfraquecimento do mesmo Reino de Portugal. Exprime, ainda, o Camões cansado das lutas e das guerras, que anseia à paz e à tranqüilidade, que tem saudades da terra natal e das tradições bucólica de seu povo.

Daí o sentido dramático e, no mesmo tempo, lírico deste episódio, que é como um oásis espiritual no grandioso poema épico.